

## Capítulo 1

### Os amantes de Kensington Gardens

Como muitos actores ingleses, Kate Dylan era uma *becomer*: transformava-se nas personagens que tinha de interpretar. Do mesmo modo que em menina se identificava com as personagens dos seus livros de aventuras, e depois com Lizzy Bennet e Emma Woodhouse; mais tarde com as mulheres de Henrik Ibsen e Tennessee Williams.

Kate e Clive encontravam-se nos Kensington Gardens numa manhã de Novembro. Ainda não fazia muito frio e ambos vestiam camisolas de malha sobre os jeans; o casaco dele servia-lhes de cobertor porque chovera de noite e a relva estava húmida. Katie sentara-se de encontro a um velho castanheiro e Clive deitara-se no chão, de olhos fechados, a cabeça nos seus joelhos.

Há pouco mais de um ano que moravam num pequeno apartamento numa cave, perto do parque, e tinham-se habituado a considerá-lo como o seu jardim. O prédio tinha um pátio nas traseiras onde cresciam arbustos e viviam alguns gatos, e as pessoas punham roupa a secar. Ela plantara goivos debaixo da janela da cozinha, mas ainda não tinham dado flor. A Primavera no parque, o açafraão, os narcisos, as anémonas, as túlipas; no Verão

as rosas. Agora o parque estava sombrio e as folhas mudavam de cor e desprendiam-se das árvores. Ela por vezes levava folhas para casa, sempre gostara de levar coisas para casa, flores, folhas, pequenas pedras, que viviam com eles durante algum tempo. Quando mudavam de casa deixavam-nas no jardim mais próximo, com a mesma indiferença com que vendiam os livros ou enrolavam cuidadosamente as reproduções de quadros.

Katie pensou com amargura que talvez tivesse chegado o momento de fazê-lo de novo, mudar de residência, ou antes, procurar um quarto nalgum sítio. Ela gostava do apartamento na cave, embora já tivessem vivido em lugares melhores quando estavam os dois a trabalhar (e em quartos horríveis quando estavam mesmo sem dinheiro), o aquecimento era mau e o espaço pequeno, mas sentiam-se bem ali, e depois havia a proximidade do parque... Mas não tinham dinheiro para pagar a renda do mês seguinte. Não queriam viver da segurança social, era um acordo tácito que tinham há muitos anos e que nenhum dos dois questionava.

No princípio de Setembro tinham feito audições em vários teatros de Londres e dos arredores mas não tinham conseguido um papel. Um longo Inverno sem trabalho estendia-se à frente deles. Entretanto, Clive decidira escrever a sua peça, passara os últimos meses a pensar nela, tomara apontamentos quase ilegíveis em dois ou três *notebooks*. Era a quarta que escrevia; apesar de uma delas não ter sido representada e as outras terem estado em cena menos de um mês, Katie nunca o vira tão confiante. Um antigo colega de Oxford, amigo do dono de um pequeno teatro, prometera encená-la na Primavera. Não era exactamente o West End, mas estavam entusiasmados com a ideia.

No entanto, tinham de passar o Inverno de alguma forma. Katie pensou em procurar trabalho num bar ou num restaurante, não seria a primeira vez, mas era trabalho mal pago e que tinha

pouco a ver com eles. Eram actores e não queriam ser outra coisa. E, claro, havia a velha história de *The Wings of the Dove* de Henry James. Tal como em criança se identificava com as personagens dos seus livros de aventuras...

Na altura em que tinham decidido viver juntos, ela estava a ler um romance de Edith Wharton, *The Glimpses of the Moon*, e a ideia divertira-os, seriam marido e mulher durante um ano e depois cada um seguiria o seu caminho. Ou, se antes disso um deles encontrasse alguém com dinheiro, separar-se-iam amigavelmente. Mas ao fim de um ano estavam mais apaixonados do que nunca, conseguiram papéis secundários numa peça, e continuaram juntos. Mais tarde, num Inverno em que estavam os dois desempregados e moravam num pequeno quarto do Soho, ela lembrou-se de *The Wings of the Dove*. Não havia motivo para levarem a história até ao fim, mas um deles podia viver com alguém durante uns meses, até as coisas melhorarem. Dessa vez foi ela que andou uns tempos com o director de um teatro, depois foi ele que teve um romance com uma actriz de cinema muito conhecida. Eram actores profissionais e a paixão tornava-se fácil de representar. O mundo é um palco e eles tinham consciência disso. No fundo, muito no fundo, sentiam-se superiores às outras pessoas. Porque eles sabiam que era só uma peça.

Kate olhou para o rosto do homem. O amor que tinha por ele era sempre uma surpresa, o amor que resistira a tantos anos, a camas compartilhadas com outras pessoas, a miseráveis quartos de pensão, a peças que não valiam nada. Ele abriu os olhos e sorriu-lhe.

— Katie...

— Temos de passar o Inverno de qualquer forma — disse ela com firmeza.

O rosto de Clive endureceu. Ele resistia sempre, se não fosse por ela talvez tivesse trabalhado em bares e nas docas, talvez estivesse mais próximo do fundo.

- Em que estás a pensar?
  - Conheces um escritor chamado Tom Stewart?
- Ele franziu o sobrolho.
- Sim, claro. Ele vive na Irlanda...
  - Ele voltou a Londres.

Clive sentou-se na relva, encostou-se ao tronco da árvore. Ela prosseguiu:

- Vi-o há tempos em Portobello Road. Era lá que vivia quando...
- Quando...
- Eu conheci-o há muitos anos.

Muitos anos. Catorze ou quinze. Ela era uma estudante e ele um escritor relativamente conhecido. Ele dera uma conferência sobre Henry James numa livraria do centro. Escrevera um livro sobre Henry James algum tempo antes. No final da conferência, convidara-a para tomar um copo. Mais tarde tinham ido para a casa de Portobello Road. A casa verde de Portobello Road.

— Estava a nevar. Lembro-me de que estava a nevar naquela noite.

- Fizeste amor com ele?
  - Sim — disse Kate com indiferença.
- Ele sorriu sem vontade.
- Foi bom?
  - Acho que sim. Foi há muito tempo.

Uma noite de amor. Ele era tão bem-parecido, tão seguro de si, que ela se sentira mais nova do que os seus dezanove anos, quase inexperiente. E na manhã seguinte tinham-se despedido à porta de casa, ele beijara-a na face e indicara-lhe a paragem de autocarro mais próxima. E nunca mais se tinham visto. Até algumas semanas antes.

- Eu vi-o em Portobello Road — repetiu Katie. — E também o vi uma vez junto ao rio. Muito cedo.
- Ele reconheceu-te?

— Creio que não.

Clive franziu o sobrolho.

— E tu achas...

— Nós precisamos de dinheiro.

— Eu sei.

— E eu preciso de um lugar para passar o Inverno.

Katie deixava-o sozinho o dia inteiro, sabia que ele precisava de estar sozinho para escrever. O apartamento só tinha um quarto. E ela cansara-se de passar horas sentada à mesa da cozinha a ler. E o tempo estava a piorar, quando começasse a chover a sério os Kensington Gardens não seriam um lugar tão acolhedor.

— Não há outra saída — disse.

Clive ficou pensativo.

— Só até eu terminar a peça. Vou receber algum dinheiro por ela, tu és a actriz principal e há um pequeno papel para mim.

Kate encostou-se ao ombro dele.

— Só até terminares a peça.

— Só um Inverno.

— Só um Inverno.

O homem passou-lhe o braço pela cintura.

— Lembras-te de mais alguma coisa?

— Como?

— Além de estar a nevar.

Ela sorriu.

— Lembro-me da casa de Portobello Road.

A casa verde de Portobello Road. Entre a casa branca e a casa cor de telha. O jardim nas traseiras coberto de neve. Os braços do homem à volta da sua cintura. A voz funda, com o sotaque de Oxford, a voz de um actor que faz o público ter vontade de ajoelhar. O desejo.

— Não me lembro de mais nada.